

Apresentação do Dossiê

Pesquisa e Ensino sobre África Pré-Colonial: Trânsito de Populações, Mercadorias e Ideias

*Escolher escrever é rejeitar o silêncio.
Chimamanda Ngozi Adichie*

A organização deste dossiê foi uma grata surpresa para nós: pudemos observar ao longo dos treze trabalhos submetidos e aprovados para essa publicação, uma significativa expansão do campo das pesquisas brasileiras sobre o continente africano, no período chamado de África Pré-Colonial, também referido como África Antiga ou África Soberana.

Uma nova leva de jovens pesquisadores compartilham conosco textos de alta qualidade teórica e investigação histórica. Subdivididas em quatro grandes seções, as temáticas apresentadas neste dossiê abordam desde discussões teóricas acerca das nomenclaturas e temporalidades evocadas nos estudos africanistas até debates atuais, sobre o ensino de História da África na Educação Básica. Essa multiplicidade de temas envolvendo o continente, reafirma não só a centralidade africana no período histórico enfocado, como evidencia o fortalecimento desta seara de pesquisa no Brasil. Este dossiê, portanto, reafirma

seu compromisso com a urgente “quebra da ordem eurocêntrica do conhecimento” (KILOMBA, 2019, p. 53), trazendo para a centralidade dos estudos, a África em suas distintas dimensões.

A primeira seção de textos, cuja temática chave são as percepções e construções acerca do termo “África pré-colonial”, inicia-se com o texto “Áfricas Soberanas: repensando as nomenclaturas da história africana anterior ao século XIX”, de autoria de Felipe Silveira de Oliveira Malacco. Nele, o autor realiza uma revisão crítica das nomenclaturas e termos utilizados para se referir à História da África antes do século XIX, e defende a utilização do termo Áfricas Soberanas - como forma de demarcar a radicalidade das independências das instituições africanas e a pluralidade de possibilidades de análise em todo o continente.

O segundo texto, de autoria de Rodrigo Castro Rezende, intitula-se “História da África e a Persistência da Colonialidade do Tempo: o caso da Idade Média Global”. O texto propõe uma análise dos estudos que envolvem a História Global, o Decolonial e a Idade Média Global, correlacionando-os com a reprodução da chamada “Biblioteca Colonial” ou Neocolonial, nos dizeres do autor — que tenta inserir os povos do continente africano em alguma periodização formulada pelo Ocidente.

O terceiro texto, de autoria de Sílvio Marcus de Souza Correa, “A África “pré-colonial” no filme Ceddo (1977) - A ficção como efeito do real” realiza uma análise do filme do cineasta senegalês Ousmane Sembène, que tem como pano de fundo histórico, a expansão islâmica e cristã na África ocidental, por volta do século XVII. A partir do longa, o autor propõe uma interpretação da temporalidade africana e alguns acontecimentos da chamada África “pré-colonial”.

A segunda seção de textos, também composta por três textos, centra-se na temática chave das religiões, com análises sobre o cristianismo e o islamismo

em África pré-colonial. O texto “A influência dos cristianismos africanos na Inglaterra Alto-medieval: notas sobre História Conectada”, de Renato Rodrigues da Silva as influências intelectuais e organizacionais do cristianismo na Inglaterra Alto-Medieval, indicando a influência das formulações desenvolvidas no continente africano. O artigo apresenta caminhos de pesquisa a partir da perspectiva da História Conectada.

Já o segundo texto desta seção “Isso é algo que não vi em nenhum outro lugar do mundo”: as percepções de Ibn Battuta sobre o Islã no Mali (séc. XIV), de Gilberto de Carvalho Tubaldini Vilela concentra-se nas percepções do viajante Ibn Battuta sobre o Islã no Bilad al-Sudan (séc. XIV), registradas em sua obra *Rihla*. Partindo da análise de outros autores, em perspectiva comparativa, Vilela reforça a complexidade das práticas islâmicas na região, desconstruindo visões estereotipadas sobre a África pré-colonial e destacando sua integração ao Dar al-Islam.

Ainda falando sobre o islamismo, o terceiro texto desta seção “A diversidade das sociedades guineenses mediante a influência islâmica”, de Krislayne Mota Mendes investiga a manutenção de códigos culturais, por meio de estratégias de acomodação social, entre os povos existentes ao longo dos rios Casamansa, São Domingos e Grande e a crença islâmica. O estudo analisa a pluralidade sociocultural da Guiné-Bissau nos séculos XVI e XVII, com ênfase nas dinâmicas sociorreligiosas.

A terceira seção de artigos aborda, em quatro diferentes textos, temas variados sobre a África pré-colonial, com ênfase nos séculos XVIII e XIX. No primeiro texto, “Zoroastras na Ilha de Moçambique do século XVIII: sua presença entre os baneanes e os silêncios das fontes”, Guilherme Farrer investiga a presença de indivíduos zoroastras na Ilha de Moçambique setecentista, como pertencentes ao grupo social de mercadores – e seus representantes – oriundos do norte da Índia, os baneanes. Por meio de uma rica

análise de fontes históricas, Farrer, defende que a ausência a menções explícitas a indivíduos zoroastras no século XVIII, e a presença destas a princípios do século XIX, se daria pelo desinteresse da administração portuguesa em explicitar as religiões que denominavam “gentias” na Ilha de Moçambique setecentista, situação que se modificou na centúria seguinte dada a cada vez mais próxima relação entre zoroastras e o governo britânico da Índia.

Já no texto “Entre África e Brasil: a permanência dos sinos de Alladá e Uidá em Minas Gerais no século XVIII”, Keli Carvalho Nobre de Souza investiga o uso dos sinos, inclusive por mulheres, nos reinos de Alladá e Uidá, localizados na Costa da Mina, na África Ocidental, e demonstra como este instrumento musical reaparece em Minas Gerais no século XVIII. O estudo de Souza evidencia a continuidade das práticas musicais africanas no contexto da diáspora, tomando o sino como objeto central de análise.

Em “Agricultura, goma-arábica e diplomacia no vale do rio Senegal: Os emirados Brakna e Dowiche na primeira metade do século XIX”, Lucas Oliveira Ribeiro discute a relação entre o comércio de goma-arábica, a expansão comercial europeia e o agravamento da desigualdade social no vale do rio Senegal, durante o século XIX. Baseado em uma forte pesquisa documental, o autor argumenta que os efeitos do comércio de goma-arábica sobre a região variaram conforme a camada social e a inserção de cada sociedade nas redes comerciais.

O último artigo desta seção, “Escravidão na Cidade do Cabo: conexões entre memória e história”, de Núbia Aguilar promove o debate sobre elementos que conectam passado e presente em torno do tema da escravidão, no atual território da Cidade do Cabo, na África do Sul. Através de uma análise historiografia e do papel do museu Iziko Slave Lodge, a autora destacada a relevância histórica dessa edificação no passado sul-africano, sua relação com as dinâmicas da escravidão e o papel que o museu desempenha na atualidade.

Na última seção de textos, a temática chave dos artigos é o ensino de história da África “pré-colonial”. O primeiro texto, “A BNCC e o Ensino de História e Cultura Africana para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, das autoras Renata Moreira Silva, Daniela Oliveira R. dos Passos e Juliana Cordeiro Soares Branco, analisa a História da África por meio das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no intuito de compreender como esse documento contribui para a promoção e destaque das histórias e culturas africanas, durante os Anos Iniciais do Ensino Fundamental — período este que engloba da 1º até a 5º ano na educação básica.

Já no texto “Vocabulário e prosa em língua suaíli como recursos didáticos no ensino de história da África Oriental pré-colonial”, Felipe Barradas Correia Castro Bastos apresenta o potencial de fontes históricas redigidas em língua suaíli com o uso do alfabeto latino, para o ensino da história da África Oriental pré-colonial. O autor propõe a análise, a partir de dois contos suaílis que se prestam à compreensão pormenorizada de fenômenos históricos relativos ao período pré-colonial, nomeadamente a expansão do islã, a formação de sociedades suaílis e do comércio de escravizados na costa oriental africana oitocentista.

E por fim, mas não menos importante, os autores Thaís Janaina Wenczenovicz e Ricardo Luiz Pasini propõem em “Educando eres, guris e curumins: um Projeto Político Pedagógico sob uma perspectiva decolonial”, uma análise da contribuição do Centro de Apoio Social e Cultural (CASC) de Carazinho, no Rio Grande do Sul, para a construção de um modelo educacional decolonial que valoriza os saberes locais, incluindo os de matriz africana. Para os autores a perspectiva decolonial, ao questionar a hegemonia eurocêntrica, converge com o multiculturalismo ao defender a valorização da diversidade cultural.

Desmistificar as visões estereotipadas perpetuadas ao longo do tempo e

da história sobre os povos africanos e seus descendentes pelo mundo é uma tarefa a ser empreendida por aqueles que acreditam ser possível e urgente a construção de novas percepções sobre o saber. Assim, a reunião destes textos e as reflexões aprofundadas postas por seus autores, cumprem essa tarefa. Ao escolher escrever sobre essas questões, rejeitamos o silêncio imposto por anos de domínio colonial, que não nos permitiu problematizar e evidenciar, enquanto historiadores e educadores, o lugar da África na construção da História que nos é contada e ensinada.

Felipe Silveira de Oliveira Malacco (Universidade Federal Fluminense)

Rogéria Cristina Alves (Universidade Estadual de Minas Gerais)